

sessão regular em 35 mm.

1a. apresentação

1967 - abril - 4

cine casino

20 horas

cine clube de botucatu

«o processo»

(the trial/le procès)

direção - Orson Welles
produção - Alexandre e Michel Salkind
fotografia - Edmond Richard
cenografia - Jean Mandaroux
música - Jean Ledrut
intérpretes - Anthony Perkins, Jeanne Moreau, Elsa Martinelli, Romy Schneider, Orson Welles, Akim Tamiroff, Suzanne Flon, Madeleine Robson

distribuição - Condor Filmes
1962 - 118 minutos
Paris Europa/Hisa - Filmes (Munich) Fict (Roma)

A lógica de O processo é a lógica de um sonho (Welles), a linguagem do sonho é uma linguagem que tem uma lógica diferente da convencional, usada durante o dia, uma lógica na qual nem tempo nem espaço são forças regulares mas, intensidade e associação; é a única linguagem universal desenvolvida pela raça humana, a mesma para todas as culturas e, através de toda a História» (Fromm). Será, todavia, uma linguagem esquecida? Não para magos e psicólogos, não para Freud, Joyce, Kafka e Welles. Ao tomar de Kafka «O Processo», Welles refaz essa outra realidade — e o importante: à sua maneira — e, mágicamente se reencontra no cinema a paisagem do sonho.

Os defensores de um realismo kafkiano, em oposição à linguagem de sonho definida e estudada pelos psicólogos-críticos, podem espantar-se com a supressão das marchas e dos intervalos. Talvez não aceitem, igualmente, o gigantismo de certos decors como o banco onde K trabalha, comum no livro, é um salão imenso no filme, com cerca de mil funcionários e o «ruído tecnológico» produzido pelas máquinas manipuladas simultaneamente por todos esses homens-robots de uma sociedade ou uma civilização despersonalizadora, inhumana, super-organizada contra o indivíduo, contra o homem em geral. As hesitações ou restrições desses críticos não têm outro fundamento que o de negar ao cinema o direito de reinterpretar uma obra de outra parte o mesmo que negar a Kafka a possibilidade de ser reinterpretado. E, quando é um Welles quem se encarrega, a reinterpretação, longe de diminuir, dilata o alcance da obra, porque a faz obra-prima em duas artes. Ou uma obra em dois Processos. Para Claude-Edmonde Magny, «o mundo, para Kafka, é essencialmente um escândalo, alguma coisa que não é racional e, cuja essência, portanto, só um conto fantástico poderá exprimir». Aquela abstração ou a esse conto fantástico Welles acrescenta mais que um estilo próprio, in-submisso e inalienável-também a utiliza numa alegoria do mundo moderno, em muita coisa um mundo diferente do que conheceu Kafka, porém ainda um escândalo e ainda mais irracional para quantos são humanistas e individualistas como Welles

Mas, não teria, nem assim, terminado o valor de um tema que, agora no mais alto nível de um cinema também fora do tempo (inclusive na forma: a nova ressurreição do delírio expressionista de quarenta anos atrás), amanhã continuaria em pé, se o homem como indivíduo vier a salvar-se, fracassando a robotização em massa, «ideologicamente» planejada; e, continuaria vivo como gênio e arte e só socialmente ultrapassado, porque serviria como uma espécie de «inventário» o mais desesperado de nossas mutilações, de nossos mitos» (Maurice Bessy). Uma das missões do artista — o escritor ou o cineasta — é contar a história do homem e da civilização — esta o produto do homem contra o homem — e, saber transformar os exemplos da degradação humana em obra de arte. Como em O Processo, duas vezes em meio século.

A. MONIZ VIANNA

ótimo

regular

consulta eletiva do C. C. B.

após retirar um dos cantos deposite
esta CEDULA numa das urnas à saída

bom

máu